O centenário de Herman Lima

José Bonifácio Câmara (*)

Meu primeiro encontro com Herman Lima deu-se por volta de 1937, quando eu, com quinze anos de idade, me preparava para concluir o Curso de Humanidades no Colégio Castelo Branco, em Fortaleza. Já se vão 60 anos.

Leitor voraz desde menino, como todos da minha geração, tinha, já a essa altura, devorado toda coleção *Terramarear*, da Companhia Editora Nacional, e enveredado pelos romances de Alencar, Aluísio de Azevedo, Camilo e – suprema ventura – Eça de Queiroz, sempre na base de livros tomados por empréstimo de colegas mais abonados.

Por essa época, surgiu a Livraria Carioca de aluguel, instalada à rua Coronel Bezerril, ao lado da Igreja do Rosário. Pagava-se uma quantia mensal fixa, com direito à retirada de qualquer volume, desde que devolvido o anterior. Era um festival de leitura!

Foi quando caiu-me às mãos o *Tigipió* de Herman Lima. Que encantamento! Era o Ceará do sertão e das secas, com seus tipos característicos delineados por mão de mestre, numa linguagem literária envolvente, que o tempo só fez aprimorar, para colocar o seu autor, afinal, no primeiro plano da prosa brasileira.

Nunca mais deixei de acompanhá-lo, lendo toda a sua obra, à medida que ela vinha sendo publicada, vibrando com as suas conquistas no mundo das letras e com a notoriedade alcançada, que eu seguia através da imprensa. Mais de trinta anos depois, já no Rio de Janeiro, vim a conhecê-lo pessoalmente. Lembro-me bem do encontro. Estava no "sebo" do Osmar (Livraria Brasileira), na sobreloja do Edifício Avenida Central, quando ele entrou silenciosamente. Vestindo um traje esporte, com seu clássico blusão, que era uma espécie de marca registrada, fixada perenemente pelo

(*) Sócio Benemérito do Instituto do Ceará.

bico-de-pena de Luís Jardim, logo o reconheci pelas fotos de jornais e revistas. A carranca fechada – que ele diz nas suas memórias ter herdado do pai – não convidava a uma aproximação. Fiquei a observá-lo por muito tempo, a percorrer as estantes, separando metodicamente alguns livros.

Aconteceu que, por feliz coincidência, eu tinha encontrado um exemplar de *Rui e a Caricatura*, edição da Gráfica Olímpia Editora, de 1950, há muito procurado. Botei a timidez de lado e abordei-o de frente, alegando a minha condição de cearense. Sua fisionomia transmudou-se num sorriso, pois o Ceará era o "abre-te Sésamo" para Herman Lima. Solicitei-lhe que autografasse o livro, um dos poucos de sua autoria que faltava na minha biblioteca, e foi com visível satisfação que ele escreveu: "Para José Bonifácio Câmara, com o melhor apreço do seu velho conterrâneo amigo, Herman Lima".

Tivemos outros encontros cordiais nos "sebos" e nas reuniões do "Sabadoyle". Seis anos depois, na companhia de Orlando Mota, eu transpunha, finalmente, pela primeira vez, os umbrais de sua casa na rua Peri nº 146, no Jardim Botânico, nas faldas do Corcovado, onde residiu durante trinta anos. Foi uma tarde inesquecível. A essa altura, com a visão ocular já irremediavelmente comprometida, mas deslocando-se com facilidade, mostrou-me todos os tesouros acumulados na sua vida – quadros, gravuras, caricaturas, a sua rica biblioteca – e, mais do que tudo, a sua alma de cearense impedernido e bom. Lembrei-me então das palavras com que conclui o belo capítulo sobre o seu pai, em *Poeira do Tempo*: "Nele me revejo... na mesma secura de gestos e de palavras com que mascaro, sabe Deus como, o coração, quando seria tão doce o adejo duma carícia ou a emoliência de certa frase; na mesma aferrada teimosia das minhas resistências ao cortejamento dos graúdos, como nos mesmos sacrifícios com que minha vida de tantas horas renova as suas lutas do passado. Por tudo isso, papai é, para mim, o Ceará".

O homem

Herman de Castro Lima nasceu em Fortaleza a 11 de maio de 1897, filho de Antônio Silva Lima, natural do Aracati, e de

D. Julieta Demarteau de Castro Lima, filha do Dr. José Lourenço de Castro e Silva e de D. Clara Demarteau, natural da Bélgica, desposada pelo avô quando ele estudava Medicina na Europa. Fez curso primário na escola pública de D. Ifigênia Amaral, professora muito conceituada na capital cearense. Nunca cursou o ginásio, pois começou logo a trabalhar para ajudar a compor o orçamento doméstico. Costumava dizer que saiu da escola primária diretamente para a Faculdade de Medicina da Bahia, tendo feito os exames de "preparatórios" parcelados, como permitia a legislação da época, durante o período de dez anos, em Fortaleza e Salvador, sem prejuízo do trabalho.

Seu primeiro emprego, em 1912, foi na afamada fotografia Olsen, onde trabalhou dois anos como auxiliar, passando depois para a Secretaria da Fazenda, onde conheceu Alcides Mendes, que orientou as suas leituras, emprestando-lhe livros de Eça de Queiroz, Fialho d'Almeida, Flaubert, Maupassant, Camilo, José de Alencar e outros, além de estimular a sua vocação para as letras. Dois anos depois ingressou no comércio, como auxiliar de escritório, onde trabalhou quatro anos.

Em 1919 o Ceará foi assolado por uma nova seca. Esse fenômeno cíclico, que tantos prejuízos causou à nossa terra, teve influência marcante na vida de Herman Lima: pela interveniência de Mário Linhares, deixou gostosamente o escritório comercial e foi servir na Inspetoria de Secas, que iniciara a construção da estrada de rodagem Aracati – Morada Nova – Quixadá, para dar trabalho aos flagelados. O emprego era de Fiscal de Turma.

Ouçamo-lo:

> "Em nenhuma outra fase da minha vida fui tão outro, tão diverso de tudo que fora e seria depois, como naquele duro interregno de trabalho de campo, entre engenheiros, feitores e capatazes, "cassacos" e caboclas em flor, em que se moldava, no barro dúctil da minha juventude cheia de curiosidades gerais, aquele insólito avatar que eu jamais reencontraria depois, no decorrer da minha existência.
>
> Realmente, não há como explicar doutro modo que o rapazinho tímido, de pouco mais de vinte anos, cuja vida decorrera até então em mansa quietude, à sombra do velho casarão da infância e da adolescência, entre cajueiros copados e coqueiros batendo no ar

> em brando cicio, diante da faixa do mar verde polido, virasse duma hora para outra, **cow-boy** do **Far West**, a repintar, em carne e osso, os fantasmas da tela muda, quando Tom Mix era o mocinho dos **westerns** da Fox".

Era a descoberta do sertão, do meio adusto e da terra calcinada, do homem forte e resistente como os cactos, dos animais e das plantas ressequidas – cenários e tipos que ele pintou tão bem no conto (ou novela) que dá o título ao seu primeiro livro! Era o reencontro com as origens sertanejas da família paterna! Estava agora forjada a sua personalidade de cearense-integral, que ele o foi até o fim da vida.

Voltando a Fortaleza, em 1921 foi nomeado, por concurso, escriturário da Delegacia Fiscal, transferindo-se no ano seguinte para idêntica repartição em Salvador. Lá completou os "preparatórios" e ingressou na tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se em 1928, sendo o orador da turma. No ano seguinte defendeu tese de doutoramento sob o título *A Facies da Criança*, publicada pela A Nova Gráfica e com a seguinte dedicatória: "À minha querida noiva, Annette Loureiro, com toda a pureza do meu afeto mais vivo, o meu futuro". Segundo me informou Rachel de Queiroz, que a conheceu de perto, Annette era uma moça baiana de rara beleza, que deu a Herman, após o casamento, seis filhas e um filho: Teresinha, Jana, Maria Violeta, Sílvia, Marta, Ana Beatriz e João Antônio.

Mas voltemos à Bahia. Após a formatura e esgotado pelos estudos e pelo trabalho, foi clinicar no interior, escolhendo, pela salubridade do clima, a cidade de Lençóis, na lendária região de Lavras Diamantinas. Ali bebeu inspiração para seu romance *Garimpos.*

Em 1931 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viveu cinqüenta anos, indo servir inicialmente no Tesouro Nacional. Em 1933 foi requisitado para trabalhar no Gabinete Civil do Presidente Getúlio Vargas, que o designou, em 1937, para a Delegacia do Tesouro Nacional de Londres. Ficou na Europa até 1940, e teve a oportunidade de conhecer vários países. Desse feliz interregno no estrangeiro resultaram os seus livros de viagens *Na Ilha de John Bull* e *Outros Céus, Outros Mares.*

Logo após o seu regresso ao Rio de Janeiro, iniciou a exaustiva pesquisa sobre a caricatura no Brasil, trabalho que lhe tomou vinte e três anos.

Em 1967 publicou *Poeira do Tempo*, um dos pontos mais altos da memorialística brasileira.

Trabalhador infatigável, escreveu até lhe faltar a visão ocular, vindo a falecer no dia 21 de junho de 1981, pouco menos de um ano após o desaparecimento da esposa, ocorrido no dia 14 de julho de 1980.

A obra

Os pendores intelectuais em Herman Lima despertaram muito cedo. Ainda menino, puseram-lhe às mãos a revista *O Tico-Tico*, de saudosa memória, tão diferente das de hoje, onde a tônica é a exploração da violência. Confessava ele que o gosto da leitura e do desenho lhe adveio da convivência com essa revista. Mas foi o desenho que prevaleceu inicialmente. Antes de completar quinze anos de idade, já mandava caricaturas para as revistas do Rio, aceitas e publicadas pelo *O Malho* e *Fon-Fon*, afora o desenho de várias capas coloridas de *O Tico-Tico*.

A "reviravolta decisiva" para as letras deu-se dois anos depois, quando conheceu Alcides Mendes e ampliou o campo das suas leituras. Foi esse amigo que teve as primícias da sua prosa, lendo o seu primeiro conto. Logo depois começavam a aparecer na imprensa as suas produções literárias.

O reconhecimento público do seu talento chegou através da palavra mais que autorizada de Antônio Sales, mestre de toda uma geração de escritores cearenses e autor laureado de *Aves de Arribação*, em carta-aberta publicada num jornal da terra, depois de ler um conto de Herman, estampado na revista carioca "Fon-Fon".

> "Liberte-se quanto antes das sugestões de leituras – tão profundas em todos os estreantes –, tenha a coragem de apresentar seu pensamento em toda a sua identidade, seja sóbrio, simples e claro, e, com as qualidades reveladas em *Gata Borralheira*, eu tenho fé em que em breve a Metrópole, como bradou por ocasião do aparecimento de Aloísio de Azevedo – Romancista ao Norte! –, há - de bradar também – CONTEUR ao Norte! – e esse grito será a proclamação de uma bela e consoladora verdade".

Era a consagração na província! Mas o espírito agudo e o senso crítico de Antônio Sales não deixara de detectar as "sugestões de leitura" na prosa do jovem autor. Era a influência de Gustavo Barroso. Herman Lima refere nas suas memórias o "impacto emocional" que lhe causara a leitura do conto *Velas Brancas*, de Gustavo. Diz:

> "Tudo, nessa página, que eu sempre considerei uma obra-prima do conto regional brasileiro, as conversas dos pescadores, o perfil dos jangadeiros, o trestalo das velas abrindo, o ribombo das ondas nos rochedos da Ponta do Mucuripe, tudo aquilo era **meu**, eu via e ouvia e sentia desde os primeiros anos da infância, ao seu contato e à visão de todo dia, eram como palavras encantadoras, abrindo minha mente fascinada, como se uma grande voz ressoasse dentro de mim, tal a do oceano, do bojo dos grandes búzios da minha praia."

Essa grande admiração por Gustavo Barroso perdurou até o fim da vida.

O contista estava agora preparado para estrear em livro. Ao seguir para a Bahia, "tinha prontos para o prelo" todos os contos de *Tigipió*. A primeira edição, de quinhentos exemplares, sob a chancela da Livraria Econômica, Rua da Louça, 21, Bahia, 1924, com a capa e vinhetas do autor, transformou-se num sucesso nacional. Recebido entusiasticamente pela crítica brasileira, no ano seguinte era premiado pela Academia Brasileira de Letras, o que constituía, na época, uma consagração. Esgotada a primeira edição, saiu logo a segunda, ainda em Salvador.

Humberto de Campos, no auge de seu prestígio como escritor mais lido do Brasil, assinalava no seu famoso rodapé de crítica literária:

> "O que mais caracteriza este livro é, entretanto, a paixão da gleba, o amor intenso do autor pela terra mártir em que nasceu. Eu conheço o Ceará, algumas centenas de léguas dos seus sertões e das suas serras, percorridas no rigor das secas ou sob a benção dos invernos abundantes. E confesso que nenhum escritor do Nordeste me deu, jamais, impressão mais viva nem mais justa das paisagens que eu vi e das regiões que visitei."

Nenhuma outra obra de Herman Lima – digo eu – grangeou tanta popularidade. O conto que dá título ao livro – *Tigipió* – foi transposto para o cinema, com pleno êxito.

Trabalhador infatigável das letras, foi construindo o pedestal da sua glória, publicando, ainda na Bahia, *Literatura do Nordeste*, discursos, 1926; A Mãe d'Água, contos e crônicas, com uma belíssima capa de J. Carlos, 1928; e *A Facies da Criança*, tese de doutoramento, 1928.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro, lançou *Garimpos*, romance das Lavras Diamantinas da Bahia, 1932, traduzido para o espanhol por Benjamin de Garay, Buenos Aires, 1939.

De volta da Europa, publicou *Na Ilha de John Bull*, impressões da Inglaterra, 1941; *Outros Céus, Outros Mares*, viagens, 1942, prêmio da Academia Brasileira de Letras; *A Caricatura, Arma Secreta da Liberdade*, conferência, 1949; *Rui e a Caricatura*, álbum ilustrado, 1949; *J. Carlos*, álbum ilustrado, 1950; *Variações sobre o Conto*, crítica, 1952; *Roteiro da Bahia*, crônicas, 1953; *Álvarus e Seus Bonecos*, álbum ilustrado, 1954; *O Conto*, conferência, 1958; *Imagens do Ceará*, crônicas, 1959; *Domingos Olímpio*, crítica, 1961.

Uma pausa agora para assinalar o aparecimento da *História da Caricatura no Brasil*, em 1963, monumental obra em quatro volumes, sem similar no mundo ocidental. O autor trabalhou vinte e três anos na sua elaboração e viu recompensados os seus esforços com a obtenção dos prêmios Fernando Chinaglia (melhor livro do ano), Centro Cultural Brasil-Israel (melhor ensaio do triênio 1960-1963) e Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (melhor ensaio do ano).

Seguiu-se *Poeira do Tempo*, memórias, 1967, detentor, outra vez, do prêmio Jabuti como o melhor livro de memórias do ano. É um canto de amor ao Ceará; devia ser um livro de cabeceira de todo cearense. Com ele Herman Lima atinge a plenitude das suas potencialidades como escritor e artista da palavra.

Dos seus oitenta e quatro anos de vida ele passou somente vinte e cinco anos na terra natal. Mas as suas recordações do Ceará ocupam mais da metade das páginas do seu livro de memórias.

Esse amor ele expressa em toda a sua obra. Somente em Gustavo Barroso e Rachel de Queiroz podemos encontrar símile nessa fixação à terra do berço.

Os últimos trabalhos de Herman Lima foram *Olegário Mariano*, crítica, 1968, e *Afonso Arinos*, crítica, 1970.

Completam ainda sua bibliografia as traduções do inglês de dois romances de Margareth Kennedy e três da canadense Mazo de La Roche.

Aproximava-se o fim. Depois de tantos anos de trabalho diuturno de escrever, ler, pesquisar, varando as madrugadas, a visão ocular começou a desaparecer e ele entrava, paulatinamente, no mundo das sombras.

Mas, a essa altura, o seu nome respeitado e admirado enchia de luz a história da literatura brasileira.

A Academia Brasileira de Letras, em 1975, outorgou-lhe o seu mais alto galardão, o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de obra.

O Estado do Ceará conferiu-lhe a medalha José de Alencar, pelos relevantes serviços prestados à cultura cearense.

E, este ano, na passagem do seu centenário, é todo o Brasil que o homenageia como um dos seus filhos mais ilustres.